

5 Conclusão

Ao longo da pesquisa foi visto o quanto o engajamento afetivo é importante para o desenvolvimento emocional e psicológico do bebê. As interações afetivas são o que possibilita as interações sociais e conseqüentemente o desenvolvimento da comunicação e da fala.

A pesquisa teve como objetivo fazer um levantamento de estudos que concebiam o autismo como um distúrbio de contato afetivo. Como forma de ilustrar o trabalho, foram utilizados relatos autobiográficos que mostraram como os autores Grandin (2010) e Tammet (2007), portadores do espectro autista, lidaram com a questão afetiva.

No primeiro capítulo, foi descrita a importância do afeto no desenvolvimento típico. A relação mãe e bebê já se inicia permeada por afeto, mesmo que no início os cuidados com o bebê envolvam uma regulação fisiológica. As trocas de fraldas, as mamadas, o banho entre outras tarefas são feitas com a atenção da mãe, com o olhar e o manê.¹ Com o passar do tempo, o bebê passa a ser responsivo a esse afeto da mãe e se iniciam as trocas afetivas. Essas trocas iniciais envolvem as já mencionadas relações diádicas, que têm como marco as protoconversações. Mãe e bebê passam a entrar em uma espécie de sintonia afetiva (Stern, 1992). Por volta dos 9 meses, nas relações triádicas, o bebê passa a compartilhar eventos e interesses com os adultos. É nessa época que a criança passa a apontar e balbuciar algumas palavras. Para que isso ocorra, é preciso que o bebê tenha a intencionalidade de compartilhar interesses e objetos.

A Teoria da Mente também é uma construção e está relacionada com a capacidade da criança se diferenciar do outro. Ter uma Teoria da Mente significa ter a habilidade de se colocar na perspectiva do outro e ter a empatia. De acordo com os pressupostos estudados, para o bebê chegar nessas trocas de compartilhamento, é preciso que ele tenha passado pelas relações diádicas e triádicas. Toda a interação social é fruto de uma construção afetiva. É pela via do afeto que se torna possível o bebê se conectar com seus pais.

¹ Linguagem que as mães utilizam para falar com seus bebês. Geralmente é uma fala mais infantilizada e com caretas.

No segundo capítulo, foi visto como ocorre o desenvolvimento afetivo no autismo. Diversas pesquisas comprovaram que algumas habilidades do bebê típico não são observadas em crianças que mais tarde recebem o diagnóstico de autismo. Já no início da relação mãe-bebê, podem ser verificadas uma menor reciprocidade de trocas de olhares, sorrisos e déficits em estar atento às vozes dos pais. Ou seja, as falhas já se iniciam na relação diádica e o bebê já chega na relação triádica com alguns prejuízos. Por isso, são observadas falhas em apontar, nas vocalizações e no comportamento entre meios e fins. Tal fato pode explicar o atraso na linguagem de alguns autistas e até a ausência da fala. É importante ressaltar, que quando falamos de autismo, não estamos nos referindo a um atraso no desenvolvimento, e sim a um desvio.

Outra questão que chama a atenção de alguns autores é a questão da reciprocidade, sincronia e alternância da criança autista (Trevvarthen e Daniel, 2005). Geralmente essas crianças apresentam falhas nesses aspectos das interações. A atenção compartilhada dessas crianças apresenta déficits. Podem ser observados sorrisos e gargalhadas nessas crianças, mas, muitas vezes, essas reações são um reflexo à estimulação física e não correspondem às expressões emocionais. A criança autista demonstrando pouca responsividade aos pais, estes acabam não estimulando, causando um ciclo de desajustes.

A intersubjetividade secundária é onde as crianças autistas apresentam maiores déficits que conseqüentemente trazem prejuízos na capacidade de referenciação social, na Teoria da Mente, nos jogos simbólicos, na aquisição de regras sociais e na autoconsciência.

No terceiro capítulo foram trabalhados os conceitos de memória individual, memória coletiva e memória histórica. O intuito de apresentar tais conceitos foi embasar teoricamente a reflexão sobre as autobiografias. A partir dos relatos autobiográficos de Grandin (2010) e Tammet (2007) observamos que as conexões afetivas dos autores eram fracas. A preferência de ambos estava mais voltada para seus interesses restritos do que por pessoas. Durante a infância tanto Tammet como Grandin apresentaram dificuldades de se relacionar com outras crianças e eram alvos de provocações.

A Teoria da Mente dos autores também apresentava prejuízos, ambos tinham dificuldades em perceber as sutilezas da linguagem. Tammet se refugiava nos números, pois, para ele, compreender as emoções era uma tarefa muito

complexa. Já Grandin não conseguia expressar seu afeto por pessoas, mas tinha empatia com o gado.

Ao longo dos fragmentos autobiográficos, pudemos observar o quanto os autores tinham dificuldades nos aspectos afetivos, de interação social e comunicação. Segundo a abordagem apresentada, tais prejuízos são oriundos de uma dificuldade primária de ordem afetiva. Sacks (1995) chamou a atenção para um aspecto muito interessante em relação à Grandin, que talvez possa ser aplicado para Tammet e outros autistas, sem que isso se torne uma verdade absoluta, pois cada caso tem as suas peculiaridades. O autor ressaltou que Grandin tinha um pensamento por imagens. A questão de se pensar por imagens, o que é muito comum nos autistas, faz com que se perca toda a sutileza da linguagem. As imagens são algo concreto. O que falta no autismo é o pensamento abstrato, a capacidade de inferir e interpretar aspectos subjetivos, a sensibilidade de perceber se uma pessoa está alegre ou triste, compreender as nuances, a ironia, as frases de duplo sentido, entre outras coisas que estão presentes no contexto social. Será que os pensamentos por imagens ocorrem por não ter havido uma conexão afetiva com seus cuidadores? Essa é uma pergunta que não vai ter uma resposta imediata, mas talvez o pensamento por imagens possa estar relacionado com a falta de conexão afetiva.

Grandin e Tammet são autistas que superaram todas as expectativas, tiveram dificuldades na infância e adolescência, mas, com o apoio dos pais e outros cuidados, conseguiram lidar com suas limitações e transformá-las em pontos positivos. As dificuldades de ordem afetiva permanecem para ambos, porém de uma forma menos penosa que antes.

Os relatos autobiográficos ilustraram as dificuldades afetivas de autistas e nos fizeram refletir como essa área é prejudicada. É importante ressaltar que os exemplos utilizados são de autistas verbais cujo quadro não é tão grave. Os relatos autobiográficos complementaram a parte teórica da pesquisa.

No início da pesquisa foram colocadas questões a respeito do afeto no espectro autista. A primeira pergunta foi se existe afeto. Ao longo da pesquisa foi visto que existe uma dificuldade inata de se conectar afetivamente, porém isso não significa exatamente que não exista afeto. Talvez a forma de sentir/demonstrar a emoção seja diferente de crianças com o desenvolvimento típico.

Outra dificuldade que está ligada à capacidade afetiva é a empatia. Para os portadores de autismo, se colocar no lugar dos outros e direcionar os sentimentos é algo muito difícil. A segunda pergunta foi referente ao tipo de conexões afetivas que são estabelecidas no autismo. Ao longo da pesquisa foi mencionado que o desenvolvimento afetivo de crianças autistas difere do desenvolvimento de crianças com o desenvolvimento típico.

Desde o seu nascimento, são observadas falhas no contato ocular com seus cuidadores, em ser menos atento a vozes, pouco interativo por meio de sorrisos, vocalizações e trocas gestuais. Consequentemente essas falhas, como já vimos, vão levar a mais danos na intersubjetividade secundária. Porém, algum tipo de conexão é feita. Talvez não seja uma conexão de ordem afetiva, mas os autistas acabam se conectando com seus interesses restritos, que pode ser desde observar o rodar de um ventilador, formigas passando, fixação por números, animais ou qualquer outra coisa.

No caso de Grandin e Tammet, vimos o quanto o apoio e a estimulação da família foram importantes. Em momento algum suas famílias os colocaram em uma redoma. Muito pelo contrário, foram para a escola, colônia de férias e Tammet viajou até para o exterior. Talvez isso seja um ponto importante, a estimulação. O que ocorre no caso de crianças autistas é que os pais muitas vezes se sentem desmotivados com os filhos, por estes não responderem às suas interações afetivas e as tentativas vão se tornando mais escassas. Por isso, é importante estimular, tentar achar algum tipo de conexão possível. Algumas pesquisas sobre intervenção precoce (Baron-Cohen, Allen e Gillberg, 1992) comprovam que o quanto antes se iniciar um trabalho de estimulação com crianças que apresentam um quadro de autismo, menores são os danos. Alguns programas de intervenção precoce trabalham com o enfoque de reparar e criar conexões afetivas (SCERTS de Prizant et al. 2000; e o modelo DIR de Greenspan e Wieder, 2000).

Nessa pesquisa, não entramos na questão do tratamento, isso poderá ser feito posteriormente. Porém, o que vimos ao longo do trabalho é que falta uma conexão afetiva nos bebês autistas e isso acarreta uma série de prejuízos. A última questão colocada no início da pesquisa, diz respeito a como se desenvolve o afeto no autismo. Talvez a resposta ainda não seja tão clara, pode ser que com algum programa de intervenção precoce possa ser possível verificar como se desenvolve

o afeto. Pelos relatos autobiográficos, vimos que, aos poucos, com o desenvolvimento dos autores, algum tipo de conexão foi sendo estabelecida, vínculos podem ser criados. Porém de uma forma mais lenta que no desenvolvimento típico e às vezes ela pode vir através de um interesse restrito como foi o caso de Grandin, que desenvolveu empatia com o gado. Ela consegue perceber o que o animal sente, mas não consegue entender as nuances de um relacionamento afetivo com humanos.

Em suma, a pesquisa verificou o quanto a conexão afetiva é importante para o desenvolvimento das interações sociais. Sem essa conexão o desenvolvimento das relações sociais, da comunicação e conseqüentemente da fala ficam prejudicadas. No autismo, a conexão afetiva, não ocorre da mesma forma que no desenvolvimento típico, causando prejuízos para o desenvolvimento. O autista tem uma forma de pensar e de se relacionar diferente, porém isso não significa que eles não sintam emoção e não tenham sentimentos. Temple Grandin definiu muito bem para Sacks (1995) o que sente “(...) eu me sinto como um antropólogo em Marte” (p. 267). Ou seja, ela não consegue compreender o que ocorre à sua volta. Muitas vezes a autora não compartilha o mesmo mundo que as outras pessoas. A dificuldade inata de se conectar afetivamente prejudica o desenvolvimento dos autistas, porém talvez seja possível em algum momento reparar ou minimizar esses danos. No caso de Grandin (2010) e Tammet (2007) eles aprenderam a inferir alguns signos da comunicação, porém muitas vezes não conseguem perceber o que as pessoas sentem. Intelectualmente, eles conseguem aprender como se portar, mas sentir e perceber essas nuances sociais fica em um patamar quase inalcançável. Para Sacks (1995), o que ocorre no autismo não é um afeto geral defeituoso, mas o afeto em relação a experiências humanas complexas, ou seja, interferindo nas relações sociais e simbólicas.

O autismo continua sendo uma patologia intrigante. Pensar a questão afetiva no autismo é sem dúvida um assunto que levanta muitas questões a serem refletidas e investigadas.